

ESTADO ISLÂMICO E A ESPETACULARIZAÇÃO DO TERRORISMO¹

PIMENTEL, Pedro Chapaval²

RESUMO

Este artigo analisa o uso de tecnologias de comunicação pelo Estado Islâmico (EI) como elementos da espetacularização do terrorismo. Parte-se do pressuposto que problemas ocasionados por um governo sem governança no Iraque e Síria proporcionaram as condições ideais para o fortalecimento do EI. Os resultados apontam para dois aspectos relativos a um novo paradigma no uso dos meios de comunicação. O primeiro é a amálgama entre a beligerância e uso de tecnologias da comunicação para consolidar a governança do EI, já o segundo se refere à existência de uma arena virtual como espaço de confrontos ideológicos e de poder entre grupos terroristas e governos. Para a compreensão das técnicas audiovisuais empregadas pelo EI analisou-se o vídeo “Uma mensagem assinada com sangue para a nação da cruz”.

Palavras-Chave: Governança; Terror; Sociedade do Espetáculo.

ABSTRACT

This article analyses the use of communication technologies by the Islamic State (IE) as features of the spectacularisation of the terrorism. It is assumed that problems resulting from a government without governance in Iraq and Syria provided optimum conditions for IE's strengthening. The results indicate two aspects of a new paradigm for the use of media. The first is an amalgam between belligerency and the use of communication technologies to consolidate IE governance, the second refers to the use of a virtual arena as a setting for ideological and power struggles between terrorist groups and nation-States. For an understanding of the audiovisual techniques used by the IE this article analysed the video “A message signed with blood for the nation of the cross”.

Keywords: Governance; Terror; Society of the Spectacle.

1. INTRODUÇÃO

O terrorismo não é um fenômeno novo no sistema internacional. Nota-se, contudo, uma mudança de tom no discurso internacional quanto ao seu combate a partir dos ataques orquestrados por Osama Bin Laden, líder da Al-Qaeda, que destruíram as duas torres do edifício *World Trade Center* e uma das alas do

¹ Trabalho apresentado no Encontro de Pesquisa em Relações Internacionais – EPRI realizado pela Unesp-Marília de 13 a 17 de junho de 2016.

² Pedro Chapaval Pimentel, Rua Bom Jesus, 650, CEP: 80035-010, Curitiba (PR), apresentação oral no eixo de Mestrado. Mestrado em andamento em Comunicação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) na linha Comunicação, Política e Atores Coletivos. pimentel@ufpr.br (41) 9921-6646.

Pentágono, em 2001. Esta ocasião marcou uma nova orientação na política mundial quando o presidente americano George W. Bush declarou “guerra ao terror”. A afirmação de Bush filho continha uma problemática conceitual no que é entendido por guerra, pois como destacam Magnoli e Barbosa (2013) o sentido clássico deste termo é um conflito entre Estados. Não havia, na ocasião, um confronto entre Estados beligerantes.

De fato, para Hobsbawm, os conflitos do século XXI marcam um paradoxo em que “operações armadas já não estão essencialmente nas mãos dos governos ou dos seus agentes autorizados, e as partes distantes não têm [...] objetivos em comum, exceto quanto à vontade de utilizar a violência” (2007, p. 23). Destarte, Rosenau (2000) explica que embora governos ainda funcionem e retenham sua soberania, percebe-se um deslocamento de sua autoridade para coletividades subnacionais. Tal movimentação permite o desencadeamento da ideia de “governança sem governo”, isto é, a ausência de mecanismos regulatórios em uma esfera de atividade que funcione efetivamente sem o endosso de uma autoridade formal.

Nesta concepção, enquanto o governo pressupõe atividades sustentadas por uma autoridade formal, a governança prevê atividades amparadas por objetivos comuns, provenientes ou não de responsabilidades legais e formalmente prescritas. Governos sem governança são aqueles “que sofrem divisões profundas e cuja ação política se encontra paralisada [...] (onde) há autoridades formais às quais faltam mecanismos regulatórios funcionando efetivamente” (ROSENAU, 2000, p. 16). Sob a perspectiva de um governo eficaz, a governança sem governo é governança sem poder de modo que governo sem poder raramente funciona e deste cenário sucedem diversos problemas domésticos e internacionais (SLAUGHTER, 1997 *apud* GONÇALVES, 2005).

Embora existam benefícios decorrentes da difusão de instituições sociais, como menciona Giddens (1991), ou do deslocamento de autoridade para coletividades subnacionais (ROSENAU, 2000), a modernidade traz um “lado sombrio” que se traduz na soma de conflitos militares e conseqüente perda de vidas. Este lado sombrio seria, então, resultado de relações de poder. Poder, para Castells (2008) é a capacidade estrutural de um ator social impor sua vontade

sobre outros atores sociais. Ou seja, estas relações são são conflitivas por natureza.

Ademais, o grau de conexão ou desconexão entre os atores do sistema internacional é uma de suas características centrais, e é a partir de relações não limitadas geográfica ou temporalmente que a política mundial toma forma (ROSENAU, 2000). Isto posto, este é um ambiente em que relações de poder são potencializadas pela (des) conexão e em que a eclosão de um conflito militar regional pode levar a um conflito de proporções desconhecidas (GIDDENS, 1991). Assim, a política mundial passa a ser “concebida de forma abrangente, envolvendo todas as regiões, países, relacionamentos internacionais” (ROSENAU, 2000, p. 26), pois as “fronteiras são completamente diferentes daquilo que eram nas sociedades pré-modernas” (GIDDENS, 1991, p. 24).

Rosenau (op. cit.) expõe o avanço das tecnologias de transporte e comunicação como desencadeadoras deste processo de redução das distâncias geográficas e sociais que fizeram com que atividades locais repercutissem em escala mundial. Nesta lógica, Rubim menciona um mundo criado a partir de uma nova dimensão pública de sociabilidade instituída pelo uso das mídias, constituídas “por espaços eletrônicos, sem territórios e potencialmente desmaterializados, que se transformam em suportes de televisências, vivências à distância e não presenciais” (2004, p. 203). Giddens (1991) justifica o dinamismo da modernidade como resultado da possibilidade de separação entre tempo e espaço, do desencaixe dos sistemas sociais e da ordenação e reordenação reflexiva das relações sociais.

Esta nova dimensão de vivências à distância, entretanto, ainda permite a ocorrência de atividades desconectadas entre si, como há, por exemplo, uma subordem islâmica e outra ocidental dentro da ordem global que “funcionam lado a lado em uma relação difícil, distante, cheia de fricções, marcada muitas vezes por atividades desconexas, assim como por esforços coordenados de acomodação” (ROSENAU, 2000, p. 27). Dentre as tentativas de acomodação, está o terrorismo, caso dos grupos Al-Qaeda e Estado Islâmico (EI).

Assim, embora existam regras de Direito Internacional que regem as práticas relativas à guerra, grupos terroristas utilizam o seu rompimento como estratégia de combate. Este é o caso do princípio *jus ad bellum* que, segundo

Rezek (2005), se refere ao conjunto de normas que regem as condutas dos agentes na guerra em si. A título de exemplo, Accioly *et al.* (2011) expõe convenções internacionais³ que consolidaram o entendimento de que prisioneiros de guerra devem ser tratados com humanidade e que não é lícito mata-los. Também são proibidas penas corporais, toda forma de crueldade, o encarceramento permanente. Houve, ainda, a criação de um instrumento que obriga a abertura dos campos de prisioneiros à fiscalização uma neutra.

“A governança é um sistema de ordenação que só funciona se for aceito pela maioria (ou pelo menos pelos atores mais poderosos do seu universo)” (ROSENAU, 2000, p. 16). Dessarte, grupos terroristas utilizam tanto seu poder militar, desobedecendo a inúmeras regras de Direito Internacional, quanto midiático expondo sua força, a fim de legitimar sua governança e estabelecer seu governo por meio de um califado. A aceitação da maioria ocorre, portanto, pelo uso da força, ou do medo.

Embora haja distintas interpretações e inferências ao que se conceitua política e sociologicamente como terrorismo⁴, partimos do pressuposto de que o terrorismo rompe com as convenções sobre guerra, com códigos políticos e, principalmente, com limites morais impostos por estas convenções utilizando a violência como forma de fazer política (WALZER *apud* CHAILAND;BLIN, 2007).

As origens do Estado Islâmico no Iraque e na Síria (ISIS) remontam ao processo de *iraquização* da Al-Qaeda, que atuava originalmente no Afeganistão e expandiu suas fronteiras iniciou uma luta pela expulsão das tropas de ocupação americanas do Iraque em 2013. No mesmo ano, o ISIS rompe com a Al-Qaeda, muda seu nome para Estado Islâmico (EI), declara um califado e intensifica sua luta contra todos aqueles considerados inimigos, cristãos em especial (MORENO, 2014).

De acordo com Théron (2015), a estratégia adotada pelo EI diverge da Al-Qaeda nos seguintes pontos: I) Estabelecer o EI em território permanente; II) O EI evoluiu de uma abordagem desestabilizadora para a tentativa de estabelecer soberania sobre seu território – a Al-Qaeda visa uma administração direta; III) O EI avança em direção à locais de alto valor histórico e simbólico para destriar uma

³ Convenções de Haia de 1899 e 1907, Convenções de Genebra sobre prisioneiros de guerra de 1929 e 1949 (ACCIOLY *et al.*, 2011).

⁴ Cf. Chaliand;Blin (2007), Seixas (2008).

antiga ordem regional (ex.: Raqqa, Tikrit, Mossul, Palmira); IV) O EI promove avanços contínuos, envolvendo estratégias bélicas convencionais e terroristas e V) o EI é aberto a todos os muçulmanos ou convertidos ao islã, do contrário seu destino é a morte – a Al-Qaeda possui motivações antiocidentais.

É possível inferir que o terrorismo exercido pelo EI tem em seus fundamentos a ideia de governança sem governo. Isto é, há uma tentativa de estabelecer um governo por parte de uma organização que já promove algum tipo de governança, seja ela moralmente aceitável, ou não. Além disso, suas ações são potencializadas pelo advento de novas mídias e redes sociais. Para Théron (2015), o EI reinventou a Al-Qaeda, pois globalização a partir de 2001, proporcionou mudanças ao jihadismo devido ao acesso à informação, à ideologia, às redes sociais e, finalmente, ao combate físico.

Em 2015 os olhos do mundo se voltam para o EI devido ao ataque terrorista ao jornal Charlie Hebdo que resultou em doze mortes em Paris⁵. Apesar de o número ser considerado baixo em comparação às mais de três mil vítimas do Onze de Setembro⁶, os autores do atentado eram de nacionalidade francesa. O a tecnologia da comunicação e suas interfaces proporcionaram visibilidade ao atentado e à forma como o EI recruta seus soldados na própria Europa. Isso trouxe à tona questionamentos a respeito das fronteiras europeias, internas e externas, e temores quanto à crise dos refugiados sírios que continuavam desembarcando na Europa e às famílias muçulmanas já estabelecidas no país. Tais temores são resultado da midiaticização dos atentados terroristas e a forma como o EI se apresenta, uma espetacularização do terrorismo.

2. MUDIATIZAÇÃO, ESPETACULARIZAÇÃO E O ESTADO ISLÂMICO

A utilização do termo espetáculo para analisar a sociedade contemporânea remonta ao manifesto de Guy Debord chamado “A sociedade do Espetáculo”⁷. Rubim (2004) explica a diferença entre a midiaticização e a espetacularização. Enquanto a primeira é simplesmente a veiculação de um evento mídia que promete sua visibilidade, a segunda, “forjada pela mídia ou não, nomeia o

⁵ Este ataque promovido pelo EI foi uma resposta à publicação de uma charge ironizando o profeta Maomé.

⁶ Reuters (2001).

⁷ Debord (1997).

processamento, enquadramento e reconfiguração de um evento” (p. 203), ela “aciona, simultaneamente, uma multiplicidade de dimensões – emocionais, sensoriais, valorativas e também cognitivas – para fabricar e dar sentido ao espetacular” (*idem*, p. 199).

Giroux (2007) afirma que os novos meios de comunicação de massa e as mídias de base imagética possibilitaram uma transformação estrutural em nosso cotidiano por meio da fusão entre sofisticadas tecnologias eletrônicas e uma “cultura de tela”. Para o autor, as representações audiovisuais transformaram não apenas o cenário de produção e recepção cultural, mas também a natureza da política, em especial os relacionamentos entre nacionalismo, violência espetacular e uma nova política global⁸. Logo, a “mídia ou, com mais precisão, a rede de mídias institui, a rigor, uma nova dimensão pública, própria da sociabilidade contemporânea” (RUBIM, 2004, p. 203).

As possibilidades abertas pelos novos meios de comunicação, segundo Giroux (2007), revolucionaram a relação entre público e evento, tornando-o acessível a uma audiência global. Com o distanciamento tempo-espaço, nossa atenção é dirigida “às complexas relações entre envolvimento locais [...] e [possibilita a] interação através da distância” (GIDDENS, 1991, P. 77). A mídia é, então, uma dimensão “constituída por espaços eletrônicos, sem territórios e potencialmente desmaterializados, que se transformam em suportes de televivências, vivências à distância e não presenciais, planetárias e em tempo real” (RUBIM, 2004, p. 203).

É necessário frisar que, conforme explicam Trottier e Fuchs (2014), as mídias sociais não são a causa exclusiva do fenômeno, e sim espaços de complexas manifestações de poder, contrapoder e contradições de poder que tendem a interagir dialeticamente com processos políticos físicos e desconectados. Ou seja, a espetacularização do terrorismo é a dilatação dos efeitos físicos dos atentados. Para Giroux (2007), discursos de terror e medo são oriundos de choques de realidade provocados pela convergência entre atos de terrorismo e espetáculo.

⁸ Tradução nossa: “AUDIO-VISUAL REPRESENTATIONS have transformed not only the landscape of cultural production and reception, but the very nature of politics itself, particularly the relationships among nationalism, spectacular violence, and a new global politics” (GIROUX, 2007, p. 17)

A apropriação do discurso midiático pela Al-Qaeda e pelo EI ocorreu de maneiras distintas. Na guerra ao terror empreendida por Bush filho, a Al-Qaeda necessitou adotar meios de comunicação mais básicos, pois a capacidade de interceptação dos países ocidentais fez com que o grupo voltasse ao uso de homens-mensageiros e reduzisse ao máximo o uso de telefones via satélites, de e-mails codificados e de *websites* (CHALIAND;BLIN, 2007). A alternativa encontrada pelo grupo foi utilizar a rede de televisão árabe Al Jazeera como difusora dos seus conteúdos e transmissora das ameaças para a mídia ocidental. Segundo Théron (2015), a Al-Qaeda divulgava em conta-gotas vídeos com péssima qualidade de seus dirigentes em cavernas.

No Onze de Setembro, Procópio (2001) categoriza o ataque realizado pela Al-Qaeda como o “cavalo de Tróia do terror exibido bem no coração dos Estados Unidos”. A espetacularização, neste caso, ocorreu por meio de elementos como dramaticidade, simbologia, anonimato dos autores e o sensacionalismo da mídia ao explorar imagens da destruição. Este “presente de grego” foi potencializado e acabou por espalhar medo e pânico em escala mundial como nunca antes. Chailand e Blind (2007) explicam que naquele momento a mídia ocidental começou a monitorar a Al Jazeera em tempo real, o que resultou em uma importância desproporcional das ameaças terroristas aos olhos do público⁹.

Já a relação do EI com a Al Jazeera é diferente. Jamie Doran, repórter da rede afirmou: “anteriormente, eu já havia colocado minha vida à disposição da Al-Qaeda na tentativa de conseguir uma entrevista com Osama bin Laden, mas o EI é um caso totalmente diferente. Com eles, acordos significam pouco e a morte pode se tornar um capricho”¹⁰. Segundo Théron (2015), O EI se fundamenta numa comunicação extensiva visando a maior audiência possível. Para isso, situações de combate são trabalhadas na forma de propaganda, e amplamente difundidas pelas mídias e pelas redes sociais. O EI utiliza massivamente de contas em redes sociais como *twitter* e *facebook*¹¹ para divulgar ameaças e para

⁹ Tradução nossa: “*The Western media monitored the channel, watching for news flashes and retransmitting, in real time, every minor Islamist threat. As a result, such threats took on disproportionate importance in the eyes of the public.*” (CHAILAND;BLIN, 2007, p. 333).

¹⁰ Tradução nossa: “*I have previously put my life in the hands of al-Qaeda when attempting an interview with Osama bin Laden, but ISIL is an entirely different case. With them, agreements mean little and death can arrive on a whim.*” (DORAN, 2015).

¹¹ A criação do Facebook ocorreu em 2004, do YouTube em 2005 e do Twitter em 2006.

recrutar novos soldados por meio de vídeos editados e filmados profissionalmente.

Assim, percebe-se que a Al-Qaeda utiliza as mídias como forma de profusão de conteúdo, geralmente filmado em plano único e de maneira amadora, como as entrevistas de Bin Laden e a execução do jornalista Daniel Pearl em 2002. Já o EI envolve a produção de vídeos em que é possível verificar o cuidado com seu planejamento. Longe do amadorismo, o EI demarca um novo patamar midiático do terror cujas produções são cinematográficas e buscam exaltar características do grupo terrorista apresentando ao público suas ameaças e execuções.

Com a incorporação desta gramática aos ataques terroristas do EI, o espaço virtual torna-se um ambiente de disputas políticas e de poder, ou seja, é o que Giroux (2007) classifica como o espetáculo do terrorismo. Não há apenas o embate físico, mas uma nova forma de conflito por meio da construção de um discurso midiático e espetacular na tentativa de aterrorizar o ocidente, em especial cristãos, como é o caso do vídeo intitulado “Uma mensagem assinada com sangue para a nação da cruz”. Surge, assim, uma nova forma de guerra contra o terrorismo oriunda da espetacularização. Uma das respostas do ocidente aos atentados do EI ocorre virtualmente por meio do fechamento das principais contas do grupo em redes sociais, que serviriam para a propagação de ideais, articulação entre células terroristas e alistamento de novos soldados¹². O ambiente virtual, especialmente por meio da Web 3.0¹³ torna-se, então, um novo espaço para conflitos ideológicos e de poder, uma arena virtual.

Apesar ser possível encontrar diversas produções do EI na internet, optou-se por analisar o vídeo intitulado “Uma Mensagem Assinada com o Sangue para a Nação da Cruz” a fim de exemplificar a utilização de recursos midiáticos pelo EI na espetacularização do terrorismo, conforme apresenta a seção seguinte.

3. “UMA MENSAGEM ASSINADA COM SANGUE PARA A NAÇÃO DA CRUZ”

A espetacularização do terrorismo pode ser verificada no vídeo em análise, cujos produtores utilizam técnicas cinematográficas, inferências gráficas e equipamentos de alta definição (HD) para gravar a decapitação de vinte e um

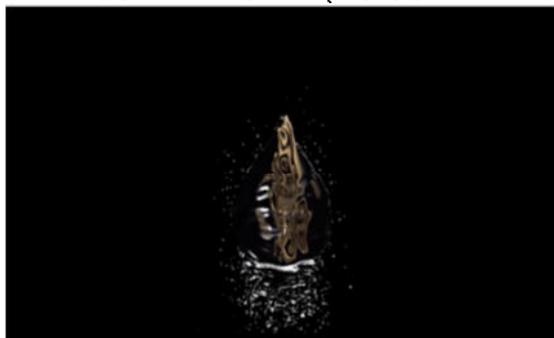
¹² Cf. Mundo (2016) e Yadron (2016).

¹³ Cf. Küster; Hernández (2013)

coptas¹⁴. Estes elementos visuais e auditivos, de acordo com Rodrigues (2012), servem para criar uma imagem televisiva apresentada a partir de valores corporativos. No caso em tela, a produção parece ter sido minuciosamente planejada como forma de ameaça a todos os opositores do Estado Islâmico.

O título de abertura utilizado é uma sequência de elementos gráficos da logo do EI que se forma a partir de uma gota (figuras 1 e 2). A tomada seguinte apresenta uma praia no Mediterrâneo onde caminham os coptas, vestidos em roupas de prisioneiros cor laranja, acompanhados por seus algozes, trajados em preto (figuras 3 e 4). A presença e ausência da cena externa se alterna e, para criar um suspense crescente há uma trilha sonora que culmina num som de um tiro. Neste momento, surge uma inferência gráfica no centro da tela com os dizeres em inglês “Uma Mensagem Assinada com Sangue para a Nação da Cruz”¹⁵ e, abaixo, uma tradução em árabe (figura 5). A partir deste momento é possível inferir que o vídeo é direcionado especialmente para países anglófonos.

FIGURA 1 – FORMAÇÃO GOTAEI



FONTE: *Printscreen* de SHOEBAT (2015).

FIGURA 2 – GOTAEI



FONTE: *Printscreen* de SHOEBAT (2015).

FIGURA 3 –PRAIA, COPTAS E ALGOZES



FONTE: *Printscreen* de SHOEBAT (2015).

FIGURA 4 – APENAS PRAIA



FONTE: *Printscreen* de SHOEBAT (2015).

¹⁴ Originalmente, os coptas eram apenas egípcios cujos ancestrais se converteram ao cristianismo ainda no século I. Maiores detalhes sobre o termo em Figueiredo (2010).

¹⁵ Original em inglês: “A message signed with blood to the nation of the cross”.

No que tange às técnicas e equipamentos utilizados, pode-se verificar uma sequência de cortes em *fade out* e *fade in*¹⁶ que fazem com que desapareçam a praia e o título do vídeo, antes em destaque (figuras 5 e 6). Após esta sequência de *fade out*, o *take* externo da praia surge novamente com prisioneiros e algozes caminhando em diagonal. Esta imagem é aérea, gravada numa grua, com oráculos¹⁷ quem revelam a localização exata das execuções, uma hipótese para isso é a tentativa de demonstrar a governança exercida pelo EI naquela região (figura 7).

FIGURA 5 – LETREIRO COM PRAIA AO FUNDO



FONTE: *Printscreen* de SHOEBAT (2015).

FIGURA 6 – LETREIRO EM FUNDO NEUTRO



FONTE: *Printscreen* de SHOEBAT (2015).

A partir deste momento, surge a logo do EI como mosca¹⁸ no canto superior direito da tela, local geralmente utilizado por emissoras de televisão para identifica-la continuamente de modo que o espectador consiga perceber rapidamente o canal que está vendo (SENS, 2011 *apud* RODRIGUES, 2012). A grua também é utilizada em efeito ascendente (figura 8) e, possivelmente, para a tomada em *travelling* (figuras 9 e 10). Quanto aos cortes utilizados, verifica-se também a sobreposição de quadros (figura 11).

¹⁶ *Fade* é uma técnica utilizada na produção de vídeos para a passagem de planos de formal gradual (corte). Para que isto ocorra, é utilizada uma imagem intermediária neutra, no caso uma tela preta. Enquanto *fade in* trata do aparecimento gradual de uma nova imagem, *fade out* é o desaparecimento gradual.

¹⁷ “Qualquer tipo de informação escrita ou gráfica exibida no ecrã pelo canal” (RODRIGUES, 2012, p. 75).

¹⁸ “A ‘mosca’ é uma designação dada à inserção do logótipo do canal num dos cantos superiores do ecrã” (*idem*).

FIGURA 7 – UTILIZAÇÃO DE GRUA



FONTE: *Printscreen* de SHOEBAT (2015).

FIGURA 8 –GRUA EM ASCENDENTE



FONTE: *Printscreen* de SHOEBAT (2015).

FIGURA 9 – TRAVELLING 1



FONTE: *Printscreen* de SHOEBAT (2015).

FIGURA 10 – TRAVELLING 2



FONTE: *Printscreen* de SHOEBAT (2015).

A sincronia com que todos os presentes em cena atuam é percebida em diferentes momentos. Os algozes, em posse do seu refém, caminham lentamente e dentro de uma distância padrão até chegar a um ponto previamente determinado onde todos param, as vítimas se ajoelham e em seguida deitam para sua subsequente decapitação, tudo simultaneamente e com extrema precisão (figuras 7, 12, 13 e 14).

FIGURA 11 – QUADROS SOBREPOSTOS



FONTE: *Printscreen* de SHOEBAT (2015).

FIGURA 12 – PARADA SIMULTÂNEA



FONTE: *Printscreen* de SHOEBAT (2015).

FIGURA 13 – AJOELHAMENTO SIMULTÂNEO



FONTE: *Printscreen* de SHOEBAT (2015).

FIGURA 14 – VÍTIMAS DEITAM SIMULTÂNEAMENTE



FONTE: *Printscreen* de SHOEBAT (2015).

FIGURA 15 – ALGOZ AMEAÇA EM INGLÊS



FONTE: *Printscreen* de SHOEBAT (2015)

FIGURA 16 – MAR DE SANGUE



FONTE: *Printscreen* de SHOEBAT (2015).

O interlocutor do vídeo é o único vestido com um uniforme de estampa camuflada (figura 15) e profere ameaças em inglês britânico, simultaneamente legendadas em árabe. Ele olha diretamente para a câmera e, por vezes, aponta a faca que será utilizada para o assassinato do seu refém, como se falasse diretamente àqueles que o assistem. Após as decapitações¹⁹, a imagem do interlocutor desaparece em *fade out* e o sangue tingindo a água do mar aparece em *fade in*. Há uma crescente valorização desta tomada que dura 23 segundos (figura 16) até o término do material.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia de governança sem governo permite a compreensão de um cenário em que grupos terroristas como a Al-Qaeda e o Estado Islâmico (EI) se fortalecem por meio da utilização de tecnologias da comunicação. Problemas

¹⁹ Optou-se por não incluir estas imagens devido à sua composição chocante. Estas imagens são compostas por flashes das ações, imagens do sangue correndo, grunhidos e gritos das vítimas e, finalmente, dos corpos e cabeças separados no chão da praia. As imagens podem ser vistas em Shoebat (2015).

ocasionados por relações de poder e por um governo sem governança na região do Iraque e Síria proporcionam as condições ideais para o fortalecimento da governança do EI, não apenas na esfera física, mas também na virtual. Em um contexto marcado por fricções entre diferentes ordens e subordens do sistema internacional, é possível verificar que, o uso de diferentes mídias, redes sociais e técnicas cinematográficas se tornam não apenas uma forma de espetacularizar um evento, mas de potencializar suas ações através do medo.

O distanciamento entre tempo e espaço que incorre do desenvolvimento de tecnologias da comunicação possibilitaram interações entre locais, geograficamente, distantes e proporcionaram um novo paradigma para o uso de tecnologias da comunicação. A mídia, como espaço eletrônico e sem território, passa então a ser utilizada como um espaço para confrontos ideológicos e de poder, denominado arena virtual. É ali que grupos terroristas convocam seguidores e soldados, inflamam paixões e organizam suas empreitadas e também onde governos tentam minimizar esta atuação.

A análise do vídeo “Uma mensagem assinada com sangue para a nação da cruz” permite inferir que a aplicação de determinadas técnicas e da língua inglesa são estrategicamente escolhidas pelo EI a fim de conectar diferentes realidades, no caso o ocidente e o califado. O uso consciente e planejado da linguagem audiovisual caracteriza elementos simbólicos na luta pelo poder e aproxima atividades que inicialmente estariam geograficamente desconexas. Assim, a produção audiovisual do EI contém elementos próprios que caracterizam a espetacularização de um evento, neste caso o terrorismo.

REFERÊNCIAS

ACCIOLY, Hildebrando; NASCIMENTO E SILVA, G. E.; CASELLA, Paulo Borba. **Manual de direito internacional público**. 19. ed. São Paulo: Saraiva, 2011.

CASTELLS, Manuel. Comunicación, poder y contrapoder en la sociedad red. Los medios y la política. **Telos**, Catalunya, n. 74, 2008.

CHALIAND, Gérard; BLIN, Arnaud. **The history of terrorism: from antiquity to al Qaeda**. Berkley, Los Angeles, Londres: University of California Press, 2007

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DORAN, Jamie. Making ISIL and the Taliban. Al Jazeera, Doha, 01 nov, 2015.

Disponível em:

<<http://www.aljazeera.com/programmes/specialseries/2015/11/islamic-state-isil-taliban-afghanistan-151101074041755.html>>. Acesso em: 03 maio 2016.

FIGUEIREDO, Angela Cristina Sarvat de. O cristianismo copta: uma face particular do multiculturalismo cristão. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE RELIGIÃO MITO E MAGIA NO MUNDO ANTIGO, 1., FÓRUM DE DEBATES EM HISTÓRIA ANTIGA, 9., 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UERJ - Núcleo de Estudos Da Antiguidade, 2010. p. 15-25.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GIROUX, Henry A. Beyond the Spectacle of Terrorism: Rethinking Politics in the Society of the Image. **Situations: Project of the Radical Imagination**, Nova Iorque, v. 2, n. 1, 2007.

GONÇALVES, Alcindo. O conceito de governança. In: Congresso Nacional do Conpedi – Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito, 14., Fortaleza. **Anais....** CONPEDI: 2005

HOBBSAWM, Eric J. **Globalização, democracia e terrorismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

KÜSTER, Inés; HERNÁNDEZ, Asunción. De la Web 2.0 a la Web 3.0: antecedentes y consecuencias de la actitud e intención de uso de las redes sociales en la web semántica. **Universia Business Review**, Madri, n. 37, p. 104-119, 2013.

MAGNOLI, Demétrio; BARBOSA, Elaine Senise. **O leviatã desafiado: [1946-2001]**, v. 2. Rio de Janeiro: Record, 2013.

MORENO, Alberto Priego. El Estado Islámico. ¿Segunda parte de Al Qaeda o algo nuevo?. **Razón y Fe**, Madri, 1393, p. 491-504, nov. 2014.

MUNDO. Estado Islâmico ameaça fundadores do Facebook e do Twitter em vídeo. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 5 mar. 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2016/03/1746916-estado-islamico-ameaca-fundadores-do-facebook-e-do-twitter-em-video.shtml>>. Acesso em: 08 maio 2016.

PROCOPIO, Argemiro. Terrorismo e relações internacionais. **Rev. bras. polít. int.**, Brasília , v. 44, n. 2, p. 62-81, dez. 2001

REUTERS. Número de mortos nos ataques de 11 de setembro é de 3.278. **Folha de S. Paulo**, Nova Iorque, 11 dez. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/reuters/ult112u9396.shtml>>. Acesso em: 08 maio 2016.

REZEK, Francisco. **Direito Internacional Público**. São Paulo: Saraiva, 2005.

RODRIGUES, Sandra Manuela Sousa. **O grafismo animado sistema de identidade no de um canal TV - o caso de estudo MTV Portugal**. 195 f. Dissertação (Mestrado em Design da Comunicação) – Faculdade de Arquitectura, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2012.

ROSENAU, James N. Governança, ordem e transformação na política mundial. In: ROSENAU, James N.; CZEMPIEL, Ernst-Otto. **Governança sem governo: ordem e transformação na política mundial**. Brasília: Editora da UNB , São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

RUBIM, Antonio. Espetacularização e mediatização da política. In RUBIM, Antônio. **Comunicação e Política, conceitos e abordagens**. Salvador: Editora UFBA, 2004. p. 451-482

SEIXAS, Eunice Castro. "Terrorismos": uma exploração conceitual. **Rev. Sociol. Polit.**, Curitiba , v. 16, supl. p. 9-26, ago. 2008

SCHOEBAT, Walid. Watch the video: ISIS savages beheading twenty one coptic christians ("and i saw the martyrs who were beheaded in the name of Jesus" is being fulfilled). **Shoebat.com**. 2015. Disponível em: <<http://shoebat.com/2015/02/15/watch-video-isis-savages-beheading-twenty-one-coptic-christians-saw-martyrs-beheaded-name-jesus-fulfilled/>>. Acesso em: 07 mai. 2016.

THÉRON, Julien. Funeste rivalité entre Al-Qaida et l'Organisation de l'Etat islamique. **Le Monde Diplomatique**, Paris, fevereiro 2015, p. 18-19. Disponível em: <<http://www.monde-diplomatique.fr/2015/02/THERON/52632>>. Acesso em: 08 maio 2016.

TROTTIER, Daniel; FUCHS, Christian. Theorising Social Media, Politics and the State: An Introduction. In: TROTTIER, Daniel; FUCH, Christian. **Social media, politics and the state: Protests, revolutions, riots, crime and policing in the age of Facebook, Twitter and YouTube**. Nova Iorque: Routledge, 2014.

YADRON, Danny. Twitter deletes 125,000 Isis accounts and expands anti-terror teams. **The Guardian**, São Francisco, 5 fev. 2016. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/technology/2016/feb/05/twitter-deletes-isis-accounts-terrorism-online>>. Acesso em: 08 maio 2016.